



UBUNTU: A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA DE PAU D'ARCO.

Rayane Cristina da Silva ¹

RESUMO

O presente trabalho busca analisar e refletir acerca das práticas de ensino desenvolvidas na comunidade remanescente de quilombo da Vila Pau d'Arco, Arapiraca - AL, nas turmas de 6º ao 9º ano da Escola de Ensino Fundamental Professor Luiz Alberto de Melo. Pensar a educação e as relações-étnicas raciais se mostra fundamental para a construção de identidades quilombolas e no desenvolvimento do sentimento de pertencimento enquanto protagonistas de uma comunidade repleta de história, memória e representatividade. Dessa forma, foram desenvolvidas ações voltadas para a análise de inúmeras iniciativas elaboradas em conjunto pelos profissionais da educação e moradores da comunidade, cujo objetivo mostra-se ligado a importância da atuação juvenil da preservação de uma memória coletiva. Para tanto, foi necessário considerar as políticas públicas do Governo Federal e como as mesmas impactam nessa atuação por parte dos profissionais, mas também buscando analisar a percepção que todos aqueles que constituem essa comunidade possuem acerca dessas iniciativas. Realizou-se, assim, uma pesquisa qualitativa, na qual se analisou o impacto das vivências desenvolvida na escola e na comunidade, cujos dados foram exposto por meio da abordagem interpretativa, buscando-se compreender interações diversas apresentadas pelos jovens. Diante disso, verificou-se que as concepções dos alunos acerca da importância da cultura desempenha traços significativos no processo construtivo da identidade, podendo concluir que falar sobre relações étnico-raciais com crianças e adolescentes colabora para que esses desenvolvam autoconhecimento sobre si e sobre todos aqueles que constroem sua comunidade, a qual está estrimamente ligada a um caráter coletivo.

Palavras-chave: Relações Étnica-raciais, Ensino de História, Oralidade, Educação Quilombola.

¹ Graduanda pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Alagoas - AL, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES, rayane.cristina.2022@alunos.uneal.edu.br



INTRODUÇÃO

A educação quilombola no Brasil constitui um campo de investigação acadêmica de grande relevância, uma vez que articula o processo de ensino-aprendizagem formal à valorização da história, da memória e das práticas culturais das comunidades tradicionais (Arruti, 2006). Nesse contexto, as instituições escolares situadas em territórios quilombolas desempenham um papel essencial na preservação da identidade e na construção de um sentimento de pertencimento, configurando-se como espaços de resistência e transmissão de saberes ancestrais (Oliveira, 2013).

No município de Arapiraca, em Alagoas, a comunidade quilombola da Vila Pau d'Arco apresenta uma trajetória de resistência marcada pela luta pela terra, pela memória coletiva e por uma organização social fundamentada em laços de parentesco. Conforme aponta Araújo (2018), esse grupo compartilha um sentimento de origem comum e reivindica uma história que se manifesta em práticas e saberes distintivos, solidificando um senso de solidariedade coletiva. Essa particularidade histórica e cultural influencia diretamente a maneira como a educação é concebida e praticada no contexto comunitário.

A Escola de Ensino Fundamental Professor Luiz Alberto de Melo, localizada em Pau d'Arco, atende os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e desempenha um papel crucial no fortalecimento da identidade juvenil quilombola. A instituição escolar atua em uma perspectiva dialógica com a comunidade, incorporando elementos da cultura local e reafirmando a oralidade, a memória e a ancestralidade como práticas pedagógicas essenciais. Assim, a trajetória do grupo de Pau d'Arco é compreendida a partir de um processo histórico de constituição como coletividade singular no cenário do município (Araújo, 2018).

Este estudo tem como objetivo principal analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas na comunidade quilombola de Pau d'Arco e na Escola Professor Luiz Alberto de Melo, buscando compreender de que forma elas contribuem para a preservação da memória coletiva e para a construção de identidades quilombolas. Como afirma Araújo (2018, p. 29), a comunidade deve ser entendida a partir de “processos históricos de constituição enquanto coletividade distintiva”, em que memória e ancestralidade se tornam elementos estruturantes da identidade local. Nesse contexto, a escola assume papel fundamental na mediação entre tradição e ensino formal, contribuindo para o fortalecimento do pertencimento juvenil.

Além disso, a pesquisa discute a relevância das políticas públicas para a educação quilombola, especialmente no que se refere às Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2012),

que preconizam a valorização da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares. Contudo, como observa Gomes (2017, p. 43), “a efetivação dessas políticas ainda encontra obstáculos na formação docente e na implementação de práticas pedagógicas que considerem a diversidade étnico-racial”. Assim, também se busca refletir sobre os desafios enfrentados pelos educadores no processo de inclusão dessas diretrizes no cotidiano escolar.

Metodologicamente, a pesquisa se ancora em uma abordagem qualitativa e interpretativa, que permite captar a complexidade das interações entre escola e comunidade. O trabalho de campo envolveu a observação de atividades escolares e comunitárias, além da análise das percepções de alunos, professores e moradores de Pau d’Arco. Como destaca Minayo (2016, p. 24), a pesquisa qualitativa “responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. A partir desse olhar, torna-se possível compreender a escola como espaço de transmissão cultural, de valorização da memória e de afirmação da identidade quilombola, em consonância com o que Munanga (2005, p. 18) denomina de “educação para a diversidade”.

1. Educação Quilombola: Entre a Preservação da Memória e os Desafios das Políticas Públicas

A educação quilombola no Brasil é, antes de tudo, um ato de resistência e de afirmação de identidade. É um espaço onde a luta por reconhecimento histórico e cultural se manifesta de forma potente. Afinal, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (Brasil, 2012) não são apenas documentos formais; elas são um convite para que a escola se volte para dentro da comunidade. Elas nos lembram que o currículo deve abraçar os saberes tradicionais, a oralidade e a memória coletiva. Ao fazer isso, a educação quilombola valoriza a cultura, a história e as experiências de um povo que lutou por sua existência. É por isso que, como nos lembra Gomes (2017, p. 43), “trabalhar a educação das relações étnico-raciais é condição fundamental para promover a igualdade e combater o racismo”. Em outras palavras, a escola se torna um campo de batalha contra o silenciamento histórico da população negra. Ao invés de ignorar, ela se propõe a ser um lugar de celebração, aprendizado e de combate ao racismo. A educação quilombola, nesse sentido, vai muito além da sala de aula: ela constrói pontes entre o passado e o futuro, fortalecendo a identidade e a dignidade de cada indivíduo.

A memória coletiva é o coração da educação quilombola. Parafraseando Pollak (1992, p. 204), a memória não é apenas uma recordação, mas a própria essência do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva. Nas comunidades tradicionais, essa memória ganha

vida através da oralidade, das práticas culturais e dos vínculos de parentesco, que garantem que o conhecimento e as histórias não se percam. Eles são passados de geração para geração, como um fio invisível que une o passado e o presente.

Em comunidades como Pau d'Arco, a memória coletiva é ainda mais rica, com categorias como "tronco velho, tronco e rama" (Araújo, 2018, p. 123). Essas expressões são como mapas genealógicos que conectam as famílias fundadoras à ancestralidade do grupo, mostrando a continuidade histórica da comunidade. Esse processo de reviver e atualizar a memória é crucial. Ele permite que a escola e a comunidade se unam em uma missão compartilhada: a de fortalecer a identidade quilombola e combater os estigmas sociais que, por tanto tempo, tentaram silenciar essa história.

Apesar dos avanços legislativos, a educação quilombola ainda enfrenta grandes desafios na prática. A Constituição Federal de 1988 e o Decreto 4.887/2003 foram marcos importantes. Eles reconheceram o direito à terra e impulsionaram o autorreconhecimento de muitas comunidades. Porém, no campo da educação, a história é um pouco mais complexa. As Diretrizes Curriculares de 2012 representam um avanço legal, mas sua implementação é desafiadora. Como aponta Gomes (2012), a educação escolar quilombola exige professores que realmente entendam a diversidade étnico-racial e que saibam como trabalhar com ela. Além disso, a falta de infraestrutura adequada é um problema crônico.

Conforme ressalta Arroyo (2012, p. 123), a escola quilombola é, sem dúvida, um "território de resistência e afirmação". No entanto, a ausência de recursos e a fragilidade das políticas públicas comprometem a sua efetivação. É como se a lei criasse uma promessa, mas a realidade dificultasse seu cumprimento. Em resumo, a educação quilombola, enquanto espaço de preservação da memória e de fortalecimento da identidade, também escancara os limites do poder público. Mostra que a legislação nem sempre dialoga de forma eficaz com as necessidades e realidades das comunidades.

2. Metodologia: Entre a Escola e a Comunidade Quilombola

A presente pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter interpretativo, cujo objetivo é compreender os significados atribuídos às práticas escolares e comunitárias da comunidade quilombola de Pau d'Arco, em Arapiraca – AL. De acordo com Minayo (2016, p. 24), a pesquisa qualitativa "responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado", o que possibilita compreender processos sociais, culturais e identitários em profundidade.

2.1 Campo de estudo e sujeitos da pesquisa

O campo de estudo é a comunidade quilombola de Pau d'Arco, oficialmente reconhecida a partir do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 e dos processos de autorreconhecimento dos moradores (Araújo, 2018). A comunidade apresenta forte vínculo com a ancestralidade, a oralidade e a memória coletiva, elementos que estruturam sua organização social e cultural. A Escola de Ensino Fundamental Professor Luiz Alberto de Melo, localizada em Pau d'Arco, atende estudantes do 6º ao 9º ano e constitui um espaço privilegiado para a análise das práticas educativas e dos processos de fortalecimento identitário. Os sujeitos da pesquisa foram professores, estudantes e moradores da comunidade que, em diferentes momentos, participaram de atividades e diálogos realizados ao longo da investigação.

2.2 Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos envolveram observação participante em atividades escolares e comunitárias, análise documental e realização de entrevistas abertas com profissionais da escola e estudantes. A observação participante permitiu acompanhar projetos culturais, rodas de conversa e momentos de interação cotidiana, em que a memória e a oralidade se revelaram como dimensões pedagógicas centrais. As entrevistas tiveram como foco a percepção dos sujeitos sobre identidade, pertencimento e o papel da escola na preservação da memória quilombola. Segundo Minayo (2016), o recurso da entrevista possibilita captar significados que emergem da fala dos sujeitos, revelando dimensões simbólicas fundamentais para a análise qualitativa.

2.3 Vozes da comunidade escolar

A escuta das vozes da comunidade escolar foi essencial para compreender como a educação quilombola se constrói no cotidiano. Uma das profissionais da Escola Luiz Alberto de Melo destacou a importância do ambiente escolar como espaço de segurança e reconhecimento:

“A comunidade funciona como um espaço seguro, não ausente de conflitos, mas muitos dos conflitos que normalmente são vistos em outros ambientes, ligados à falta de representatividade e à baixa autoestima, perdem a força dentro da Escola Luiz Alberto. É parte disso a gente enxerga justamente como um resultado positivo da educação que vem sendo desenvolvida ao longo dos anos aqui, porque esses alunos sabem e reconhecem quem são, sabem o lugar de resistência que ocupam na cidade de Arapiraca.” (Entrevista com profissional da escola, 2025).

Essa fala evidencia o impacto profundo das práticas educativas na construção da autoestima e na afirmação da identidade quilombola. A escola, nesse contexto, transcende sua

função pedagógica tradicional para se tornar um verdadeiro porto seguro. Ao fortalecer os laços com a comunidade, ela se transforma em um espaço de pertencimento e resistência, onde a representatividade não é uma mera teoria, mas uma realidade vivida e sentida por cada estudante. O reconhecimento de si e de sua história, trabalhado de forma intencional no currículo e nas relações diárias, desarma os conflitos que nascem da invisibilidade e da baixa autoestima. Assim, a educação quilombola não apenas ensina conteúdos, mas forja cidadãos conscientes de seu valor e de sua importância na luta contra o apagamento histórico e social, consolidando a escola como um pilar fundamental na sustentação e na celebração da identidade local.

Outra questão destacada pela mesma profissional foi a dificuldade de reconhecimento externo do trabalho realizado pela escola:

“Não é um trabalho fácil, pois muitas vezes a escola não é bem vista. Ainda hoje existem pessoas que acham esse trabalho desnecessário, mas nós que acompanhamos o dia a dia vemos o quanto os alunos se empenham e se sentem firmes tendo a oportunidade de se reconhecerem e se autodeclararem quilombolas e pertencentes à comunidade de Pau d’Arco.” (Entrevista com profissional da escola, 2025).

Esse depoimento nos mostra a dura realidade da educação quilombola, que ainda luta contra o preconceito social e a deslegitimação de sua identidade. Enquanto a sociedade insiste em ver esse trabalho como algo "desnecessário", a vivência diária na escola revela um cenário completamente diferente.

A escola se torna um lugar onde o autoconhecimento e o pertencimento florescem. Ela oferece aos alunos a oportunidade de se verem, se reconhecerem e se declararem quilombolas, sem medo. Esse processo não é apenas pedagógico; é um ato de resistência cultural que fortalece os jovens e os prepara para enfrentar os desafios de um mundo que muitas vezes tenta apagar suas raízes. Em última análise, a escola se firma como um farol de esperança, provando que a educação pode, sim, mudar a vida das pessoas e a percepção da sociedade.

2.5 A importância da representatividade para os alunos

A representatividade no espaço escolar desempenha um papel decisivo na vida dos estudantes da comunidade de Pau d’Arco. Historicamente, a sociedade tem visto a população negra, e de forma ainda mais brutal os jovens negros, como futuros marginais, alvos de dificuldades e obstáculos estruturais, enfrentando o racismo e sendo submetidos a diversos embates e genocídios. Dessa forma, ao encarar uma escola que traz esses alunos para um lugar de dignidade, de validação e acolhimento, rompe-se inclusive com uma lógica de dominação e submissão de corpos que passaram por um processo de adestramento simbólico desde o período

da colonização. Para jovens que crescem em um contexto de constante enfrentamento ao preconceito e à invisibilidade social, ver sua cultura, sua memória e sua identidade valorizadas no currículo escolar significa não apenas aprender conteúdos, mas também reconhecer-se como sujeito histórico e protagonista de sua própria trajetória.

Essa perspectiva dialoga diretamente com Nilma Lino Gomes (2017, p. 51), que reforça que “a ausência de referências positivas sobre a história e a cultura negra nos materiais didáticos e nas práticas pedagógicas contribui para a negação de identidades e para a manutenção do racismo”. Nesse sentido, quando a escola assume o compromisso de colocar a identidade quilombola no centro das práticas educativas, não apenas preenche lacunas históricas negligenciadas, mas também rompe com o ciclo de invisibilidade e marginalização, oferecendo aos estudantes novas formas de se verem e de ocuparem seus espaços na sociedade, fortalecendo sua autoestima e consciência histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender como as práticas pedagógicas desenvolvidas na comunidade quilombola de Pau d’Arco e na Escola de Ensino Fundamental Professor Luiz Alberto de Melo contribuem para a preservação da memória coletiva e para o fortalecimento da identidade quilombola. Ao longo da investigação, foi possível perceber que a educação quilombola, quando articulada às vivências e à cultura local, transforma-se em um instrumento potente de resistência e emancipação.

A análise das entrevistas e das observações revelou que a escola desempenha um papel fundamental na formação dos alunos enquanto sujeitos conscientes de sua história, rompendo com estigmas e preconceitos ainda presentes na sociedade. O ambiente escolar, marcado pelo respeito à diversidade e pelo incentivo ao reconhecimento da ancestralidade, se consolida como um espaço seguro – onde o autoconhecimento e o pertencimento florescem. Essa representatividade, vivida no cotidiano escolar, fortalece a autoestima dos estudantes e amplia suas perspectivas de vida.

As falas da comunidade escolar demonstram que, apesar das dificuldades enfrentadas, o trabalho realizado na Escola Luiz Alberto de Melo tem produzido resultados significativos. A resistência diante da falta de reconhecimento externo e das limitações estruturais revela que a educação quilombola é mais do que um modelo pedagógico: é um ato político e cultural. Ela desafia as estruturas de poder que historicamente negaram visibilidade às populações negras e reafirma a importância da escola como espaço de transformação social.

Além disso, a pesquisa evidenciou que o fortalecimento da identidade quilombola está diretamente relacionado à valorização da memória e da história local. A preservação dessas narrativas, transmitidas pela oralidade e pelas práticas comunitárias, garante que as novas gerações compreendam seu papel enquanto herdeiras de uma história de luta e resistência.

Conclui-se, portanto, que a educação quilombola desenvolvida em Pau d'Arco representa uma prática de resgate e reconstrução da dignidade coletiva, reafirmando que o ensino pode – e deve – ser um caminho de libertação. A experiência dessa comunidade mostra que é possível construir uma escola que não apenas ensine, mas que cure feridas históricas, valorize identidades e projete um futuro mais justo e representativo.

Por fim, recomenda-se que novas pesquisas aprofundem o debate sobre as políticas públicas voltadas para a educação quilombola e que se ampliem as ações de formação docente e de fortalecimento institucional. Somente assim será possível garantir que a representatividade vivida em Pau d'Arco floresça também em outros territórios, contribuindo para uma educação verdadeiramente plural, emancipadora e transformadora.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Anna Kelmany da Silva. **Em Pau d'Arco, muitas flores: memória, território de parentesco e fronteira étnica**. 2018. 188 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

ARROYO, Miguel González. **Educación en los territorios de la diversidad**. Buenos Aires. CLACSO, 2012.

ARRUTI, José Maurício Andion. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Brasília: MEC/CNE, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores: repensando a questão racial no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, Rosane Rodrigues de. **Educação quilombola: práticas e saberes na**

escola. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2013.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.